

O Amor como essência humana. A cachorra Baleia¹ e o amor incondicional: A essência do homem em Feuerbach².

MARUCCIA MARIA DO P. S. O. ROBUSTELLI

Minha: Mestre em Sociologia pela

Universidade Federal do Amazonas (UFAM/PPGS)

GIOVANNI RODRIGUES DE ARAUJO SILVA RUSSO

Mestre em Direito Econômico Internacional pela

East China University of Political Science and Law de Xangai/China

(Homenagem à Flora).

“Prova e vedrai ci sarà sempre um modo/dentro di noi per poi
riprendere il volo/verso il sereno/ non siamo angeli in volo venuti
dal cielo/ ma gente comune che ama davvero/ gente che vuole um
mondo più vero/ la gente che insieme lo cambierà”.

(Gente. A. Valsiglio/Cheope/M. Marati – Na voz de Renato Russo no disco *Equilíbrio distante*).

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

A cachorra Baleia é uma personagem do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. A história conta as desventuras e a vida miserável de Fabiano, Sinha Vitória, o filho mais velho e o filho mais novo, como também do papagaio, este último já havia falecido quando a narrativa se inicia e serviu de alimento para Baleia, sem que ela se dessa conta disso.

A cachorra possui um nome, qual seja, Baleia³, ironia de seu perfil descarnado, talvez. Ela pensa durante toda a narrativa do livro.

¹ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas. 48a ed.* Rio, São Paulo: Record, 1982. Personagem do livro.

² FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo.* Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. p. 11. Somente trabalharei como esta obra do autor.

³ Havia uma crença popular, quando menina, de se colocar nome de peixe ao cachorro para evitar a contaminação por raiva. Pode ser que Graciliano Ramos, tenha feito uso dessa crendice, muito embora, *Baleia* seja um mamífero e não um peixe. Novamente, o autor pretendeu mostrar o senso comum daquela gente miúda. (Não tenho referência dessa afirmação, mas tive um cachorro, quando criança, que se chamava *tubarão*, como base nessa superstição).

Suas reflexões são, estritamente, pessoais e suas atitudes refletem uma conduta íntegra e valorosa.

Seu gênero é feminino, não masculino. Muito embora a figura de Baleia seja a representação do *Humano*, independentemente, de gênero, na acepção de *criatura/ ser*, em um sentido de unidade⁴, Graciliano Ramos ao escolher a figura do feminino para este personagem, deu-lhe discrepâncias para cotejar uma visualização do cenário/ambiente (*corpos secos/sol a pino/caatinga/juazeiro/pés descalços sobre o solo quente e árido/ voo negro dos urubus*⁵) e da própria cachorra (*arqueada/ costelas à mostra/língua fora da boca*⁶). A contraposição de um ambiente hostil e impositivo e a fragilidade física de Baleia. Contudo, como se mostrará a seguir, a cadela possui uma fortaleza que constitui um altruísmo ético, não obstante sua delicada natureza biológica.

Marilyn Strathern⁷ descreve, depois de tecer considerações sobre as teorias aplicadas ao gênero, a dualidade sobre o *feminino* e o *masculino*, sobre a unidade constituída e dividida, como alternância, nos termos que se seguem:

[...] O ser “masculino” ou o ser “feminino” emerge como um estado unitário holístico sob circunstâncias particulares. No modo um-são-muitos, cada forma masculina ou feminina pode ser vista como contendo em si uma identidade compósita oculta que é ativada como androginia transformada. No modo dual, um macho ou fêmea só pode encontrar seu oposto se já descartar as razões para sua própria diferenciação interna: assim, um indivíduo andrógino torna-se um indivíduo em relação a uma contraparte individual. Uma dualidade interna é exteriorizada ou propiciada pela presença de um parceiro: o que era uma “meia” pessoa torna-se “um” de um/par.

Não há sexualidade em Baleia⁸. A cadela, embora feminina, não aparece como uma personagem que tenha tido um parceiro, como

⁴ “[...] Desta simples abordagem do existencialismo já se deduz uma tese crucial: não há ‘natureza humana’ intangível, destinação ou finalidade do ser humano inscrita a priori numa essência”. O ser humano é o ser que faz por assim dizer ‘explodir’ todas as categorias, todas as definições nas quais se pretenderia aprisioná-lo. É nisso que está, de novo, sua liberdade. Ora, o que é o sexismo e o racismo senão a ideia de existe uma *essência* da mulher, do árabe, do negro, do amarelo ou do judeu, donde se deduziriam características necessárias e comuns à ‘espécie’? (FERRY, Luc; JEAN-DIDIER, Vincent. *O que é ser humano? Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia*. Tradução de Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 81).

⁵ RAMOS, *idem*, p. 9 -10.

⁶ RAMOS, *idem*, p. 11.

⁷ STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Tradução de André Villalobos. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006, p. 22 (Introdução).

⁸ “As desigualdades entre os sexos têm sido interpretadas como um fenômeno universal. Na verdade, no interior da antropologia feminista, sobre o status desse pressuposto. [...] Na conclusão de um trabalho surgido no início da

coloca Marilyn Strathern, há nela uma androginia permanente, jamais superada, até sua trágica morte. A cadela jamais conheceu a reprodução e, provavelmente, nem o coito. Toda sua vida foi dedicada, exclusivamente, à família de Fabiano.

Por que o gênero *feminino*? Talvez, para emprestar ao personagem o *contraste*. De todas as figuras que compõem a narrativa, ela é a única que, explicitamente, conserva qualidades que julgamos humanas, no sentido ético: é íntegra. A sua dignidade confere ornamento às demais virtudes que possui: “A magnanimidade parece, pois, ser uma espécie de coroa das virtudes, porquanto as tornam maiores e não é encontrada sem elas. Por isso é difícil ser verdadeiramente magnânimo, pois sem possuir um caráter bom e nobre não se pode sê-lo”.⁹ *Feminina* porque em face de tantas adversidades seria fácil a um *homem/masculino* resistir. Sua fragilidade, a figura desprovida de força material, encerra grandeza e elevação¹⁰. Não lhe falta determinação heroica¹¹. É esse contorno que propicia a designação “virtuosa”. A ênfase no gênero aumenta seu caráter nobre. Tão magra, doente, despojada de sua própria feminilidade, já que não pariu¹² e não se envolve com machos, é a própria doação. Compreende-se, porém, como merecedora de muito mais. É capaz de sonhar, ao morrer, com um paraíso, assim como os

recente onda de interesse pelas relações de gênero, HURT (1972, p. 133) discute as implicações da diferença entre os sexos. Que as diferenças de sexo existem, argumenta ela, é um incontrovertível fato biológico, mas, se tais diferenças devem ou não resultar num tratamento diferencial de homens e mulheres, isto é uma decisão social” (STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Tradução de André Villalobos. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006, *(Introdução/Um lugar no debate feminista - 2)*.

⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 68. (*Os pensadores*; v.2).

¹⁰ “[...] ao se posicionar em defesa de Luis XVI, quando este estava sendo julgado, ela (*Olimpe de Gouges*) sugere ao mesmo tempo em que o sexo não deveria ser levado e consideração (‘deixem de lado meu sexo’) e que deveria ser (‘o heroísmo e a generosidade são também partilhados pelas mulheres e a Revolução oferece mais do que um exemplo disso’). Em um panfleto denunciando os crimes de Robespierre ela assinou com o anagrama Polyme, descrito como “um animal anfíbio”. ‘Eu sou um animal singular; não sou nem homem, nem mulher’. Tenho toda a coragem de um e, às vezes, a fraqueza do outro. Ela não era nem homem e nem uma mulher, mas era, ao mesmo tempo, homem e mulher. Sou uma mulher e tenho servido meu país como um grande homem”. (SCOTT, Joan W. *O enigma da igualdade. Estudos feministas*, n. 13 (1), p. 21).

¹¹ “Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. [...] o herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana”. (CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 102).

¹² “[...] Muitas vezes se afirma bem explicitamente que o fundamento da sexualidade é universal e biologicamente determinado; na literatura, ela aparece como “pulsão sexual” ou “impulso”. Embora capaz de ser modelada, a pulsão é concebida como poderosa, procurando expressar-se depois de seu despertar na puberdade, às vezes indo além das regras sociais e assumindo uma forma nitidamente diferente nos homens e nas mulheres. O núcleo da sexualidade é a reprodução. [...] o rastreamento de seu uso em vários artigos e livros mostra que a sexualidade abrange diferentes elementos: relações sexuais, orgasmo, carícias preliminares, fantasias, histórias e piadas eróticas; as diferenças de sexo e a organização da masculinidade e da feminilidade. Nesse modelo, a sexualidade não só está relacionada, mas mistura-se facilmente a ele e muitas vezes nele se funde. Considera-se que a sexualidade, os arranjos de gênero, a masculinidade e a feminilidade sejam conectados, até intercambiáveis. (VANCE, Carole. *A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. *Physic*. Revista de saúde coletiva. v. 5, n. 1, p. 19-20).

homens o fazem, a fim de afastar a morte e a inevitável condição da terminalidade:

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.¹³

Embora Baleia contenha um gênero¹⁴, o Autor não pareceu se arregimentar de nenhuma teoria sobre o feminino, como a grega, de Platão, que sustenta a unicidade da natureza e dos papéis de um e de outro, ou de Aristóteles que afirma a dupla natureza do homem e da mulher. Ambas as teorias serviram de fundamentação para os estudos modernos das relações humanas em referência à mulher¹⁵. De qualquer forma, a escolha por uma cadela, mesmo que fundamentada no sentido comum do *feminino* e do *masculino*, insere um conjunto de características e qualidades atribuídas social e culturalmente aos homens e às mulheres. Dá-se um lugar específico às mulheres e ao feminino, incluído em um panorama geral de humanidade.

São as relações sociais de sexo que determinam o que é considerado peculiar ao masculino e ao feminino. O masculino, como virilidade, reveste-se de atributos como a força, a coragem, a capacidade de combater e o “direito” à violência. A virilidade é a expressão coletiva e individualizada da dominação masculina.

Graciliano Ramos não adere a esses papéis sociais que, nessa perspectiva, designam a identidade sexual, para sua personagem.

¹³ RAMOS, *idem*, p. 91.

¹⁴ De modo geral, opõe-se o sexo, que é biológico, ao gênero (*gender*, em inglês), que é social. O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociosexual do trabalho e dos meios de produção; 2) na organização do trabalho de procriação. Outros aspectos do gênero – diferenciação da vestimenta, dos comportamentos e atitudes físicas e psicológicas, desigualdades de acesso aos recursos materiais e mentais etc. – são marcas ou consequências dessa diferenciação social elementar. (*Dicionário crítico do feminismo*. Organizado por Helena Hirata... [et tal]. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Tradução de: *Dictionnaire critique Du féminisme*, p. 223).

¹⁵ As teorias feministas modernas foram elaboradas no contexto do pensamento e da situação ocidentais e se justificam em duas teorias: **a) Universalismo: existe o uno**. A posição universalista se baseia na afirmação segundo a qual todos os seres humanos são indivíduos do mesmo quilate, independentemente das diferenças secundárias relativas às características físicas, à raça, ao sexo, ao idioma etc. A diferença que caracteriza homens e mulheres é, então, em si mesma, insignificante; sua importância determinante e socialmente estruturante é um efeito das relações de poder. Aqui, a igualdade está acoplada à identidade. Não se trata somente de postular os mesmos direitos para homens e mulheres, mas sim de dissolver as categorias “homens” e “mulheres”. A Razão não tem sexo. E, se tem corpo, ela não é esse corpo: ela transcende sua imanência pela liberdade (Beauvoir, 1949). Esta teoria foi sustentada e desenvolvida principalmente por teóricas formadas em Sociologia ou Etnologia. **b) Diferencialismo: existe o “dois”**. Para a posição diferencialista “há dois sexos” na mesma humanidade, o acesso à igualdade não é o acesso à identidade. O desaparecimento da dominação deve abrir espaço para um mundo comum plural, enriquecido pelas contribuições das duas formas sexuadas da humanidade. O que caracteriza o feminino nessa óptica é sua resistência ao uno, figurado pelo fático, próprio ao masculino e que estrutura indevidamente o mundo dito comum. A irredutibilidade do feminino ao masculino é morfológicamente representada por um fundamento corporal que não determina uma outra espécie da humanidade, mas uma variante da humanidade. Esta teoria foi defendida por Lacan. (*Dicionário crítico do feminismo*. Organizado por Helena Hirata...[et tal]. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Tradução de: *Dictionnaire critique du féminisme*, p. 62-63).

Simplemente, acolhe a possibilidade de que a triste figura de Baleia seja o retrato da virtude. A palavra *virtude*¹⁶ vem de ***Virtus, utis***, é um substantivo feminino. Malgrado significar qualidades (físicas e morais) que distinguem o homem, força própria dos homens, coragem, bravura, vigor, energia, qualidades viris, Baleia é virtuosa e suas qualidades são concebidas como atributos viris. Nada de viril, porém, está nela. Nada de feminino, explicitamente, tão pouco. Baleia, então, é humana, de modo universal, sem gênero. Sua concepção como cadela, refere-se a um realce apropriado e ilustrativo que possibilita o contraste de sua figura externa frágil e macilenta com a sua força interior, de constância moral e rechaço a sua natureza e às suas inclinações inconscientes.

Superada essa dificuldade sobre a natureza feminina da personagem Baleia, é possível retornar à discussão sobre o amor, como essência humana. Pode-se afirmar que sua essência é humana. O amor de Baleia é a expressão dessa essência¹⁷ por seu comportamento ético, com fundamento na virtude.

Segundo Feuerbach¹⁸o homem existe para pensar, para amar, para querer. Mas aquilo que é o fim último de um ser é também o seu verdadeiro fundamento e origem. Mas qual é o fim da razão? A razão. Do amor? O amor. Da vontade? A liberdade da vontade. Pensamos para pensar, amamos para amar, queremos para querer, isto é, para sermos livres. Um verdadeiro ser é um ser que pensa, ama e quer. Esses são os termos que Feuerbach inicia suas reflexões sobre o amor. Por que, então, a cachorra Baleia define o humano? Ou por que define o amor? O amor incondicional?

Define o humano, como amor. Baleia como expressão do humano:

“[...] cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, ***sabida como gente***. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, ***a cadelinha tinha trazido para eles uma préa***. Ia envelhecendo, coitada”¹⁹. (grifos nossos).

¹⁶ FERREIRA, António Gomes. *Dicionário Latim-Português*. Portugal: Porto Editora Ltda., 1999.

¹⁷ Sobre a *essência*: “Digo que pertence à essência de uma coisa aquilo que, sendo dado, faz necessariamente com que a coisa exista e que, sendo suprimido, faz necessariamente com que a coisa não exista; por outras palavras, aquilo sem o qual a coisa não pode existir nem ser concebida e, reciprocamente, aquilo que, sem a coisa, não pode nem existir nem ser concebido”. SPINOSA, BENEDICTOS de. *Ética, Parte II: da natureza e da origem da alma*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Tradução de Marilena de Souza Chauí [et al]. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 134. (*Os pensadores*).

¹⁸ FEUERBACH, *idem*, p. 11.

¹⁹ RAMOS, *idem*, p. 34-35.

A partir disso, há dois aspectos que devem ser observados: *a inteligência ou a sagacidade* de Baleia – encontrar um preá em meio a seca - *a sua generosidade* – não se alimentou sozinha, dividiu a comida. A razão nada compreende sobre o coração, mas é da essência do homem a inteligência e o amor. O entendimento é neutro, apático e incorruptível porque não pode sentir ou emocionar-se. *O entendimento nada sabe dos sofrimentos do coração.*²⁰ Nesse sentido, explica Feuerbach:

O entendimento é a consciência categórica e imparcial da coisa como coisa, porque ele próprio é de natureza objectiva, é a consciência do que é sem contradição, porque ele próprio é unidade sem contradição; é a fonte da identidade lógica, a consciência da lei, da necessidade, da regra, da medida, porque ele próprio é actividade segundo leis, é a necessidade da natureza das coisas como auto-actividade, a regra das regras, a medida absoluta, a medida das medidas. Só pelo entendimento pode o homem julgar e agir em contradição com os seus mais caros sentimentos pessoais e humanos.

O coração, portanto, segundo Feuerbach é o elemento mediador da razão. O pensamento, por ele mesmo, deixa o homem vazio. O coração faz do homem um ser essencial porque se percebe capaz de torna-se um ser perfeito. O homem somente encontra sua essência no poder da razão, a essência do entendimento, e no poder do coração, a essência do amor. Ora, o entendimento, como medida absoluta, pode julgar segundo o rigor da lei; o coração acomoda-se, é cuidadoso, atencioso e indulgente²¹:

[...] À lei que se limita a apresentar-nos a perfeição moral não basta um coração, mas também a lei não basta ao que é propriamente homem no homem – o coração. A lei condena, o coração é misericordioso até para com o pecador. O coração dá-me a consciência de que sou homem, a lei apenas a consciência de que sou nulo, de que sou pecador.

Baleia, desse modo, concilia o entendimento e o coração, define-se, assim, por sua magnanimidade. Ela é capaz de oferecer, sem cálculo ou reservas, seu tempo de vida e seu sangue (literalmente, como será visto adiante), sem nenhuma troca ou mesmo gratidão. É a virtude

²⁰ FEUERBACH, *idem*, p. 42.

²¹ FEUERBACH, *idem*, p. 49.

absoluta. Baleia dá tudo que possui. O que possui é quase nada, mas é tudo para aquela gente de vida miserável. Dá sua inteligência para encontrar alimentos. Dá seu afeto mesmo quando ainda apanha. Dá seu sangue para ser lambido. Sua conduta é irrestritamente desinteressada. Ela própria é um presente. Supera a lógica da reciprocidade.

Pensando em Baleia como expressão de grandeza e como o personagem humano da narrativa, poder-se-ia compreender o homem a partir desta determinação e resistência aos seus ímpetos, por meio de uma força interior que disciplina seus impulsos, por devoção e conduta valorosa:

“O menino continuava a abraçá-la. E Baleia encolhia-se para não magoá-lo, sofria a carícia excessiva. O cheiro dele era bom, mas estava misturado com emanações que vinham da cozinha. Havia ali um osso. Um osso graúdo, cheio de tutano e com alguma carne”.²²

Baleia, sobretudo, resiste a todos os infortúnios, com destemor e lucidez. Possui condições de sobreviver sozinha, mas insere a família de Fabiano, em sua vida, como uma obrigação moral e afetiva, não exatamente racional. Igualmente, suas inclinações naturais são afastadas. Em obediência ao seu coração, a compreensão a faz julgar e agir contra seus instintos mais cristalinos. Ela é capaz de conciliar a força de pensar, tão vazia e fria, medida e objetiva, com a força de seu coração, o poder do amor. O homem tem, por isso, de afirmar e objetivar não apenas o poder da lei, a essência do entendimento, mas também o poder do amor, a essência do coração, se é que deve e quer satisfazer-se.

O coração é sempre misericordioso.²³

Sobre a misericórdia insere-se o melancólico cenário de culpa de Fabiano por ter matado Baleia. Não só o ato, mas a decisão. Foi uma deliberação acertada? A dúvida persegue e corrói a quietude de Fabiano²⁴. Faltou-lhe algum discernimento sobre a realidade? Seus pensamentos se misturavam e embaraçavam sua razão, mas queria o perdão, queria perdoar-se:

[...] Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira, pensando na cachorra Baleia, Coitadinha. Tinham-lhe aparecido

²² RAMOS, *idem*, p. 62.

²³ FEUERBACH, *idem*, p. 49.

²⁴ RAMOS, *idem*, p. 109.

aquelas coisas horríveis na boca, o pelo caíra, e ele precisava matá-la. Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. Podia consentir que ela mordesse os meninos? Podia consentir? Loucura expor as crianças à hidrofobia. Pobre da Baleia. Sacudiu a cabeça para afastá-la do espírito. Era o diabo daquela espingarda que lhe trazia a imagem da cadelinha. A espingarda, sem dúvida. Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde baleia aparecera fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus. (grifo nosso).

Fabiano cometeu uma falta? Procura o perdão, sua consciência o julga. Julga se por sua experiência, observou adequadamente os fatos, para fazer a escolha de que Baleia precisava morrer.

Para obter o perdão, precisa-se de um coração compassivo. Para quem busca o perdão; o perdão deve ser solicitado. Fabiano requer sua absolvição; de si mesmo ou de Baleia? Quando se concede essa graça, não se faz justiça porquanto se escusou a responsabilidade²⁵: “A lei condena, o coração é misericordioso até para com o pecador”. Qual seria o castigo de Fabiano? A miséria de sua vida e o sofrimento de seu espírito, atormentado pela doce imagem da cachorra, talvez. Imputar-lhe mais punição, não seria mais uma retribuição justa, seria uma desmedida e a justiça não tolera excessos. Seria preciso que Baleia e Fabiano se permitissem ao esquecimento²⁶, declinar-se do passado, para encontrar o indulto. Por esse motivo a remissão é sublime, é sempre um ato super-rogoratório que ultrapassa qualquer dever moral, vem do coração, portanto. Todo perdão, contudo, precisa ser pleiteado e rogado, de uma sincera penitência e genuíno arrependimento. Não importa de que modo é invocada, mas todo pedido de perdão, de algum modo, traduz-se em oração. Feuerbach descreve, em muitas passagens do livro, a oração²⁷, mas

²⁵ FEUERBACH, *idem*, p. 49.

²⁶ “Só há memória sobre um fundo de esquecimento”. (VIDAL-NAQUET *apud* OST, François. *O tempo do direito*. Tradução de Elcio Fernandes. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 153).

²⁷ “A oração é essencialmente discurso – a palavra latina ‘oratio’ tem dois significados; na oração, o homem exprime-se sem reservas sobre aquilo que o pressiona, sobre o que em geral o afecta; objectiva o seu coração – e daí sua força moral. A concentração é, segundo se diz, a condição da oração. Mas é mais do que uma condição: a oração é ela mesma concentração, eliminação de todas as representações que distraem, de todas as influências perturbadoras do exterior, recolhimento em si mesmo, para se relacionar apenas com a sua própria essência. Só uma oração confiante, sincera, cordial, íntima e interior ajuda, segundo se diz, mas esta ajuda reside na própria oração”. (FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Tradução de Adriana Verissimo Serrão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.p. 147).

esta²⁸ em especial parece se aparentar com as aflições da personagem Fabiano, diante do ato de matar Baleia, nestes termos:

“[...] O que é então a oração senão o desejo do coração, expresso com a confiança de que será cumprido? [...] A oração é a autodivisão do homem em dois seres – um diálogo do homem consigo mesmo, com o seu coração”.

A cadela estima poucas coisas e é capaz de enfrentar grandes perigos e não poupará sua vida mesmo sabendo que há condições em que não vale a pena viver. Sempre retribui com grandes benefícios e quase nada recebe. Nunca pede nada. Sua conduta é sempre digna em face das pessoas com as quais convive.

Ela tem plena consciência do amor e de si mesma. Nada lhe escapa porque se encontra conciliada com a sua essência. *Só o amor é o coração do homem. O que eu amo é, portanto, o meu coração, é o meu conteúdo, a minha essência, o princípio da vida*²⁹.

Na morte, Baleia ainda se recorda de suas ocupações:

“Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras”³⁰.

Por tudo isso, Baleia, na sua condição, como descrita na narrativa, na sua imanência, afastando-se interpretações, é uma cachorra. Então, por que um animal? Por que, então, a cachorra Baleia define o humano³¹? Graciliano Ramos, provavelmente, nas reflexões sobre a construção da personagem, delimitou dois espaços³², o da natureza e do homem, mas não para apresentá-los, separadamente, de modo demarcado, mas para dizer e notabilizar que o único personagem humano, era um ser indistinto. Há um ânimo que define Baleia como

²⁸ FEUERBACH, *idem*, p. 146-147.

²⁹ FEUERBACH, *idem*, p. 60.

³⁰ RAMOS, *idem*, p. 90.

³¹ Na verdade, o próprio conceito do “humano” parece encarnar o permanente paradoxo de uma forma de vida que possa constatar a sua própria essência, apenas a transcendendo. [...] As ações humanas, é claro, estabelecem tais condições não apenas para outros humanos. Elas também o fazem para vários não humanos. O trabalho do agricultor nos campos, por exemplo, cria condições favoráveis para o crescimento das plantas cultivadas, e o pastor faz o mesmo com os animais domésticos. (INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 32 – *Coleção Antropologia*).

³² “[...] os animais não usam relógios nem utilizam guarda-chuvas, não dirigem carros, e também não fumam cachimbo ou cigarros etc. Por que o critério em relação à natureza seria mais importante que qualquer outro? Porque ele é, na verdade, um critério inteiramente ético e cultural específico: de fato, é por essa distância que nos é possível questionar o mundo, julgá-lo e transformá-lo, inventar, como se diz bem, ‘ideias’ e, por conseguinte, uma distinção entre o bem e o mal”. (FERRY, *idem*, p. 26).

animal, contudo, é a única criatura (personagem) com espiritualidade. Há uma interseção por onde Baleia transita, um cenário em que está com todos, delimitado por tempo e espaço³³ e outro; uma vida mental, muito rica e esplendorosa, que sonha com o paraíso, e ultrapassa as limitações da vida material. Tim Ingold ressalta esse esforço de que o mundo natural e o mundo do homem são apenas um, quando afirma que a vida social humana não é dividida em um plano separado do resto da natureza, mas faz parte do que está acontecendo em todo o mundo orgânico³⁴.

E o amor?

O amor é sempre tarefa. Ele é angústia de perenidade. Somente encontra abrigo sereno e eterno na Amizade³⁵:

Mas também a amizade, pelo menos quando é intensa, como era o caso dos Antigos, produz os mesmos efeitos que o amor – por isso não é aos cristãos, mas aos pagãos, que devemos a profunda máxima de que o amigo é o *alter ego*. Os amigos compensam-se; a amizade é um meio virtuoso e mais, é mesmo virtude, mas uma *virtude comunitária*. A amizade só pode encontrar-se entre virtuosos, como diziam os Antigos. Contudo, não pode haver igualdade perfeita, é preciso antes existir diferença, pois a amizade assenta num impulso de complementaridade. Por meio do outro, o amigo dá a si mesmo, aquilo que ele próprio não possui. Mediante as virtudes de um, a amizade expia os erros do outro.

A cachorra Baleia traduz esta disposição de caráter própria da amizade. Assim, Aristóteles³⁶ esclarece essa proximidade da amizade e do amor:

Ora, dir-se-ia que o amor é um sentimento, e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter. E os homens desejam bem àqueles a quem amam por eles mesmos, não por efeito de um sentimento, mas de uma disposição de caráter. E finalmente, os que amam um amigo amam o que é bom para eles mesmos; porque o homem bom, ao torna-se amigo, passa a ser um bem para seu amigo. Cada qual, portanto,

³³ “O que é, então, este mundo material? Em que ele consiste? Christopher Golden sugere que, para fins heurísticos, poderíamos dividi-lo em dois amplos componentes: paisagem e artefatos (1999:152). Assim, parece que temos a mente humana, por um lado, e por outro lado, um mundo material de paisagem e artefatos” (INGOLD, *idem*, Parte II, p. 52).

³⁴ INGOLD, *idem*, p. 32.

³⁵ FEUERBACH, *idem*, p. 189.

³⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 144 (*Os pensadores*).

ao mesmo tempo que ama o que é bom para ele, retribui com benevolência e apazibilidade em igualdade de termos; porque se diz que amizade é igualdade, e ambas são encontradas mais comumente na amizade dos bons.

O aspecto mais importante dessa relação entre Amor e Amizade reside na exigência da tarefa. A palavra *tarefa*, entre outras acepções, significa quantidade de trabalho realizado ou a realizar dentro de um prazo determinado.³⁷ A palavra *trabalho* é compreendida como um dos fatores de produção, qual seja, é toda atividade humana voltada para a transformação da Natureza, com o objetivo de satisfazer uma necessidade.³⁸ A Amizade assim como o Amor determina uma história. Impõe-se uma empreitada, porque, necessariamente, mesmo que não seja necessário passar o dia juntos ou deleitar-se um na companhia do outro, os amigos sentem benevolência recíproca e se ajudam quando precisam um do outro. Aristóteles³⁹ define referida convivência, no sentido de empregar tempo e esforço, do seguinte modo:

Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, assim como não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo (pois o amor é, de certo modo, um excesso de sentimento e está na sua natureza dirigir-se a uma pessoa só); e não sucede facilmente que muitas pessoas, ao mesmo tempo, agradem muito a um indivíduo, só, ou mesmo, talvez, que pareçam boas aos seus olhos. É preciso, por outro lado, adquirir alguma experiência da outra pessoa e familiarizar-se com ela, e isso custa muito trabalho.

A convivência de Baleia com a família de Fabiano exprime a dedicação e o afincamento próprios da verdadeira amizade. A empreitada consiste em uma vida voltada para o amor daqueles a quem estima. Sua amizade é raridade. Seu desapego traduz uma vida consagrada à Amizade. Mesmo em face dos maiores infortúnios impostos pelo determinismo da vida retirante, a frágil cadela, engrandece a vida de todos, somente com sua presença. Malgrado isso, Baleia é a expressão de uma ação ética voltada para a benevolência e para o apreço. Ela reconhece seu valor e age como alguém que tem um fim: apaziguar todo sofrimento, mesmo quando ela mesma sofre. Sua natureza nobre exige deveres

³⁷ Houaiss, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

³⁸ *Dicionário de Economia*. Consultoria de Paulo Sandroni. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 434 (*Os economistas*).

³⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 145 (*Os pensadores*).

que, para qualquer outro, seria infinitamente difícil resistir e manter-se firme na consideração com a pessoa amada. Esse amor é mais que cuidado, é comprometimento:

Baleia detestava expansões violentas: estirou as pernas, fechou os olhos e bocejou. Para ela os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Mas às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe o traseiro – saía latindo, ia esconder-se no mato, com desejo de morder canelas. Incapaz de realizar o desejo, aquietava-se. Efetivamente a exaltação do amigo era desarrazoada. Tornou a estirar as pernas e bocejou de novo. Seria bom dormir⁴⁰.

Por outro lado, observa-se que muitas escolhas morais são feitas pelo sertanejo Fabiano, a ele pertence todos os encargos e todas as consequências, inclusive a morte do papagaio para servir de alimento à família quando o sertão castigava e não dava trégua. Baleia se serviu do amigo, sem sabê-lo⁴¹ “Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto”. Sua ignorância a isentava da responsabilidade. Sobre Fabiano, contudo, pesa as mais funestas decisões, inclusive, em outro momento, o veredito sobre a morte da cachorra, algo que irá atormentá-lo, infinitamente. A amizade e a reciprocidade são questionadas. Se em uma situação extrema essa autêntica afeição, baseada na estima e na benevolência, que entendemos por amizade, pode ser abandonada para conservação da própria existência e, por conseguinte, a perda deste amor? O autor de *Vidas Secas* não responde, mas Feuerbach traça a seguinte consideração:

O amor de deus pelo homem é uma determinação essencial da essência divina; Deus é um Deus que me ama, que ama o homem em geral. [...] O seu amor torna-me amante. [...] Só o amor é o coração do homem. Mas o que é o amor sem isso que eu amo? O que eu amo é, portanto, o meu coração, é o meu conteúdo, a minha essência. Porque se entristece o homem, porque perde o gosto pela vida, quando perde o objecto amado? Por quê? Porque com o objeto amado perdeu o seu coração, o princípio da vida.

⁴⁰ RAMOS, *idem*, p. 60.

⁴¹ RAMOS, *idem*, p.11.

Baleia e Fabiano são contrastes. Fabiano é colocado como o homem decaído, sem Deus, real, o homem e suas circunstâncias⁴². Baleia é o homem com Deus, sua essência, idealizado, o homem amado por Deus; o amor objeto do amor; porque só quem ama pode ser amado. Nesse sentido, deste infinito amor de Baleia, como exemplo da essência daquilo que acreditamos ser o *SER* do homem, o amor oblativo e integralmente generoso. Acreditamos capazes de senti-lo:

O amor é o *terminus medius*, o vínculo substancial, o princípio de mediação entre o perfeito e o imperfeito, o ser pecador e o ser puro, o universal e o individual, a lei e o coração, o divino e o humano. O amor é o próprio Deus e fora dele não há Deus. O amor faz do homem Deus e de Deus homem. O amor fortalece o fraco e enfraquece o forte, inferioriza o elevado e eleva o inferior, idealiza a matéria e materializa o espírito. O amor é a verdadeira unidade de homem e Deus, Natureza e espírito. No amor, a vulgar Natureza é espírito e o aristocrático espírito é matéria. Amar significa negar o espírito a partir do espírito, negar a matéria a partir da matéria. Amor é materialismo. Amor *imaterial* é uma irrealidade. Mas, ao mesmo tempo, o amor é o *idealismo da Natureza*. O amor é *esprit*. Só o amor adorna os órgãos reprodutores das plantas com uma corola perfumada. E que milagres não faz o amor, até na nossa vulgar vida civil! O que a fé, a confissão religiosa e a ilusão separam, liga-o o amor. Mesmo a nossa alta nobreza identifica, com bastante humor, o amor com a população burguesa. O que os antigos místicos diziam de Deus, que ele era o ser *mais elevado* e todavia o *mais comum*, aplica-se na verdade ao amor, e não a um amor sonhado, imaginário; não! Ao amor real, ao amor que tem *carne e sangue*, ao amor que faz estremecer todos os seres vivos como um poder universal⁴³. (grifos nossos).

Ao sonhar com o Paraíso e em todo o sacrifício em vida, de seu corpo e de sua alma, sempre flagelada pela abnegação, agindo de modo contrário, a seus instintos e a sua fome, Baleia está cumprindo uma regra própria da doação, da disciplina sobre si mesma, negando-se, para construir um sentido espiritual em face do mundano. Baleia oferece seu corpo e seu sangue, em martírio. Há um código antigo, em

⁴² "O homem rende o máximo de sua capacidade quando adquire plena consciência de suas circunstâncias. Por elas se comunica com o universo. A circunstância! *Circum-stantia!* As coisas mudas em nosso próximo derredor! [...] Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não me salvo a mim". (ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Tradução de Gilberto de Melo Kujawaski. Comentário de Julián Marías. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967, p. 47 - 52).

⁴³ FEUERBACH, *idem*, p. 50.

linguagem brâmica que exalta a natureza do alimento partilhado: “Neste mundo e no outro, o que é dado é adquirido de novo”⁴⁴:

É da natureza do alimento ser partilhado; não dividi-lo com outrem é ‘matar sua essência’, é destruí-lo para si e para os outros. Tal é a interpretação, materialista e idealista ao mesmo tempo, que o bramanismo deu da caridade e da hospitalidade. A riqueza é produzida para ser dada. Se não houvesse brâmanes para recebê-la, ‘vã seria a riqueza dos ricos’. [...] a avareza interrompe o círculo do direito, dos méritos, dos alimentos que renascem perpetuamente uns dos outros.

A virtude da generosidade consiste em oferecer, como dádiva⁴⁵, de algum modo, seu dinheiro, seu tempo, esforço e sangue, sem salvaguarda-se, de forma sincera e espontânea, sem recompensa, prêmio ou reconhecimento.

Baleia doa seu sangue também.

A carne e o sangue⁴⁶ se apropriam do sentido de retribuição. O retorno da doação feita concede-lhe um lugar feérico, além de sua existência, uma condição celestial. Contudo, sua doação, não se vincula à gratificação, é ingenuamente desinteressada, nem comida seus donos podem a ela recompensar. O vislumbre deste destino edênico não é proposital, consiste, porém, em linimento para sua dor constante e definhamento. Neste momento, Baleia é pura contemplação. O corpo⁴⁷ personificado na cadela é, aparentemente, contraditório porquanto descarnada. Ora, de seu corpo quase nada resta, somente subsiste algo sutil e vaporoso como sua alma, por meio de seu sangue e de seus ossos. Depois da morte, sobram apenas ossos

⁴⁴ MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosacnaify, 2013, p. 99.

⁴⁵ Sobre as *oferendas, animais e preces*: “O sacrifício não é uma prática universal. Existem religiões que não o praticam, como parece ser o caso de numerosas sociedades que vivem principalmente da caça e da colheita. Este fato, que saibamos, foi sublinhado pela primeira vez por James Woodburn, especialista em um dos últimos caçadores da África, os *hazdas*, quando de uma conferência consagrada por um certo número de teólogos e antropólogos ao exame da noção de sacrifício. Esses caçadores que vivem da carne, do sangue e corpo dos animais selvagens, esforçam-se para manter relações de amizade respeitosa e de reconhecimento com “os mestres dos animais” e de não matar estes últimos, “senão comedidamente”, para suas necessidades. Esses povos não consideram, necessariamente, os seres humanos ‘superiores’ aos animais que eles caçam e dos quais dependem”. (GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 271).

⁴⁶ Sobre o *sangue*: o sangue está entre os elementos do corpo humano com uma das mais fortes cargas simbólicas. Monika Steffen (2004) conseguiu salientar a ambivalência do sangue, que, “sinônimo de vida, força, saúde, nobreza, descendência”, representa simultaneamente “doença, morte, guerra, as doenças hereditárias, o estrangeiro e o ódio racista”. O sangue, portanto, pode ser “bom”, quando salva uma vida humana, mas também “mau” quando traz a morte. (*Dicionário do Corpo*. Organizado por Michela Marzano. Tradução de Lúcia Pereira de Souza [et al]. São Paulo: Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2012, p. 905).

⁴⁷ Sobre o *corpo*: por corpo entendo um modo que exprime, de uma maneira certa e determinada, a essência de Deus, enquanto esta é considerada como coisa extensa. SPINOSA, BENEDICTOS de. *Ética, Parte II: da natureza e da origem da alma*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí. Tradução de Marilena de Souza Chauí [et al]. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 134. (*Os pensadores*).

e pó. Os ossos são eternos, como lembrança da vida. O fato de Baleia possuir um corpo sem carne traduz a ideia de que é somente espírito, seu corpo não é mais objeto do mundo. Há um distanciamento da materialidade, como, por exemplo, o movimento e a ação, torna-se somente abstração, por meio do pensamento e da imaginação. Até que a morte chegue, porém, o corpo está colado sem que possa se soltar. Baleia busca uma ausência, uma anulação do corpo, como transcendência sobre um ambiente hostil que não pode mais suportar.

Não seria exagero que Graciliano Ramos traga a ideia de *corpo glorioso*⁴⁸ para caracterizar Baleia, ou seja, o sentido de ressurreição, assim como sobre o corpo e o sangue de Cristo e sobre Cristo como homem, como o sublime sacrifício aos homens, por dádiva consagrada ao amor incondicional⁴⁹. Há em Coríntios sobre a transformação dos vivos “Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos” (Coríntios; 15. 50-51). A ressurreição de Cristo, diferente da ideia geral de morte nas Escrituras, propicia ao homem a vida eterna como redenção e expiação de uma vida maculada. Seria o encontro do homem com a imortalidade. A presença da transmigração, mudar o que é terreno (Adão e o pecado original) em algo que é do Céu (Cristo e a ressurreição); Carne em corpo, vinho em sangue; como recriação para uma vida divina.

São Tomás, padre da Filosofia Escolástica, na obra *Suma teológica*⁵⁰ dedicada à ressurreição, anota que não é o corpo que contém a alma, mas o inverso, a alma que contém o corpo. É a alma que anima o corpo. Espiritual, a alma não morre com o corpo porquanto a pessoa humana *substância primeira*, consiste na harmonia e arranjo de alma e corpo, em um único indivíduo. Depois da morte, por conseguinte, há a busca da alma pelo corpo para restituir a unidade perdida, recompondo a perfeição. A ideia é do domínio da alma sobre o corpo, como *corpo glorioso*. O *corpo glorioso*

⁴⁸ Sobre *Corpo Glorioso*: A noção de “corpo glorioso”, da forma como foi elaborada na Idade média, está diretamente ligada à crença dos cristãos na ressurreição dos mortos, cujo caráter central para a fé foi afirmado por Paulo no discurso em frente ao areópago tal como é contado na Bíblia, nos Atos dos Apóstolos (17, 19 ss). Essa noção não é uma suposição da sobrevivência da alma ao corpo depois da morte, como na tradição dualista que remonta a Platão (Fédon), mas a afirmação de que no Fim dos tempos, no dia do Juízo, todos os homens estarão diante de Deus (momento designado pelo termo técnico “parusia”, do grego *parousia*, que significa simplesmente “presença”); os que forem salvos entrarão para a eternidade integralmente, ou seja, com um corpo. (*Dicionário do Corpo*. Organizado por Michela Marzano. Tradução de Lúcia Pereira de Souza [et al]. São Paulo: Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2012, p. 905).

⁴⁹ Novo Testamento: Mateus 26. 26-28; Marcos 14.22-24; Lucas 22.19-20.

⁵⁰ AQUINO, Tomás (Santo). *Suma Teológica*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Club de Lectores, 1988, Tomo I, q. 3-76.

constitui a quietude da alma ditosa que reconduziu o corpo para si, em absoluta correção e totalidade.

Graciliano Ramos, nesse sentido, procura inserir Baleia em dois mundos, um terreno e um profano, onde, em um, prospera a adversidade e o infortúnio e em outro, anímico, psíquico, correspondente à passagem e à superação, por meio do suplício, por meio do amor, o amor como salvação. Baleia é uma heroína, muito embora desconheça esta condição, porque cumpre uma jornada, a jornada do herói⁵¹. Seu prêmio, ainda que não tenha intenção em obtê-lo, é o mundo concebido em seus delírios, por causa da fome e do desespero, em que poderá ter todos os preás (bem gordos, diga-se) que deseja⁵². Baleia chegou ao Paraíso⁵³ e, merecedora, irá desfrutá-lo.

⁵¹ “O último ato do herói é a morte ou partida. Aqui é resumido todo o sentido da vida. Desnecessário dizer, o herói não seria herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a reconciliação com o túmulo” (CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 339).

⁵² Para Feuerbach a crença na imortalidade do homem é a crença na divindade do homem e assevera que se não existe outra vida melhor, então Deus não é justo, nem bom. Faz-se assim depender a justiça e a bondade da sobrevivência dos indivíduos; mas sem justiça e bondade, Deus não é Deus. [...] Deus é precisamente a certeza da minha bem-aventurança. (*idem*, p. 209).

⁵³ No Paraíso de Dante: “A glória d’Aquele que é a origem de todas as coisas manifesta-se no universo inteiro, em algumas partes resplandecendo mais, em outras menos. [...] Ao céu que d’Ele recebe maior porção de luz alcancei chegar e contemplei as maravilhas que nem sabe repetir quem de lá veio. Pois, à medida que o intenta, percebe que a memória não alcança reevocar tanta perfeição”. (ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução de Hernâni Donato. São Paulo: Nova Cultural, 1993, p. 237).